



## Universidades Lusíada

Neves, Victor, 1956-

### Natureza

<http://hdl.handle.net/11067/1111>

### Metadados

#### Data de Publicação

2014

#### Resumo

Through a pure aesthetical perception, Nature becomes CULTURAL LANDSCAPE, since its specific "natural" characteristics might constitute a specific framework of interpretive and transformative possibilities that either can occur in the natural environment or in an urban background. The landscape is a spatial entity and the architect is an agent that transforms the landscape in space. In some sense, we can say that contemporary architecture pursues the idea of a space that is LANDSCAPE-a cultural...

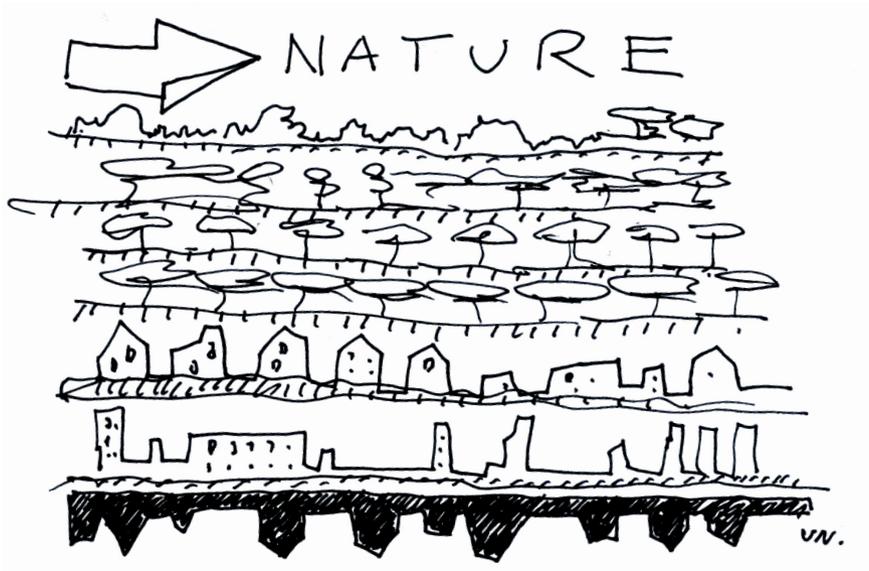
#### Tipo

bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-23T14:25:45Z com informação proveniente do Repositório

## EDITORIAL

**NATUREZA-NATURE.** VÍCTOR NEVES - Dr. Arquitecto/Universidade Lusíada de Lisboa



**N**atura é a tradução para o latim da palavra grega *physis* (φύσις), que no seu significado original fazia referência à forma inata dos seres que crescem espontaneamente - plantas e animais. O conceito de natureza como um todo é um conceito mais recente que adquiriu usos e significados cada vez mais amplos com o desenvolvimento do método científico “moderno” próprio do século XX.

A Natureza, no seu sentido mais amplo, é equivalente ao mundo natural, mas o termo “natureza” faz também referência aos fenómenos do mundo físico, e também à vida em geral ou à forma como coexistem os diversos tipos particulares de fenómenos e as suas mudanças espontâneas, como o tempo atmosférico, a geologia da Terra, a matéria e a energia que estes entes possuem. Geralmente

não inclui os objetos artificiais construídos pelo homem. As escalas abrangidas pela palavra natureza dentro deste contexto, vai desde o nível subatômico até à escala universal dos planetas e estrelas. Porém, tomando como recorte a escala do homem, inclui basicamente o meio ambiente natural e normalmente exclui o meio ambiente construído, muito embora algumas definições incluam o meio-ambiente alterado pelo homem como elemento da Natureza.

Frequente é também a associação, entre “natureza” e a ideia de paisagem- sendo esta o resultado dos processos complexos presentes num determinado meio ambiente. No entanto, é a preservação do meio ambiente que atualmente “contamina” (no bom sentido) a ideia de Natureza. O crescimento exponencial das populações, o aumento do consumo ligado às inovações tecnológicas à escala global, a proliferação de resíduos que degradam o ambiente, o crescente aumento de fontes poluidoras, tudo isso tem afetado crescentemente os ecossistemas a nível global, pondo em causa a dita “natureza”, a ponto de se pôr em causa a própria sobrevivência do planeta Terra e da vida humana.

No caso concreto da arquitectura, a relação contemporânea desta com a Natureza e de forma indireta com a ideia de Paisagem, ganha contornos de atualidade. A ponto de se poder entender esta relação como transversal no pensamento da arquitectura do século XXI e estruturante para a evolução da arquitectura enquanto disciplina técnica e artística. Ou estruturante para uma revolução necessária, no entender daqueles que admitem a prevalência de uma crise de ideias na arquitectura pós-moderna e contemporânea. No entanto, nem sempre esta linha de pensamento tem revelado consistência e sustentabilidade. “Sustentabilidade” é, aliás, é uma palavra-chave de procedimentos e de teorias amplamente divulgados

como ecologicamente correctos e “amigas” do ambiente, dito “natural”, mas que em regra se transformaram em conceitos oportunistas, vazios de conteúdo, banais de significados e de limitadas consequências.

Actualmente, encontramos-nos num panorama cultural paradoxal: de um lado o aniquilamento devastador da paisagem e da cidade, a agressão continuada da “natureza” - do outro, o surgimento de novas linhas de pensamento e de acção que parecem dispostas a reinterpretar a relação do Homem com o mundo natural, e ao mecanismos necessários para transformar o presente e repensar o futuro em formas mais eco-amigáveis.

É um facto que a Arquitectura sempre teve uma ligação umbilical com a ideia de Natureza. De algum modo, podemos considerar que a arquitectura nasce com a imitação da Natureza, pelo menos na sua matriz filosófica - da Antiguidade Clássica e particularmente da filosofia Grega Clássica. De uma forma simplificada, e certamente simplista, podemos dizer que a ideia da Natureza continha em si mesma a ideia sublime de beleza e que à arquitectura não restava mais do que imitar a Natureza, para poder alcançar a dimensão última do Belo.

No entanto, esta ligação, vital e bastante profícua entre arquitectura e Natureza, está repleta de avanços, inflexões e de contradições filosóficas ao longo dos tempos. Para os Gregos, o mundo da Natureza era não só vivo como inteligente, participando em determinado nível no processo vital da “alma” do Mundo e intelectualmente na actividade da “mente” do Mundo e, também, na organização física do “corpo” desse mesmo Mundo. A Natureza era entendida como um organismo inteligente baseado na analogia entre o mundo natural, propriamente dito, e o mundo do ser humano individual. Posteriormente, a visão renascentista da Natureza, começa a formar-se

como antitética à visão grega. O ponto central desta antítese era a ideia de um Deus criador, uma inteligência de algo que estava para além da Natureza.

O pensamento renascentista, tal como o grego, via na ordenação do mundo natural uma expressão da inteligência, no entanto, para os gregos essa inteligência era a da própria natureza, enquanto para os pensadores renascentistas era a inteligência de algo que existia para além da natureza.

As contradições de interpretação antes referidas, são particularmente visíveis na transição do séc. XIX para o séc. XX. Da exaltação emotiva, espiritual e hermenêutica do romantismo fin de siècle, à crença maquinista do Modernismo, há uma distância enorme no espaço de 50 anos. A visão moderna da Natureza que, na realidade começa a tomar forma nos finais do século XVIII é baseada na analogia entre os processos do mundo natural -estudados pelas ciências naturais e as vicissitudes dos problemas humanos- estudados por historiadores.

O pensamento moderno é dominado pela ideia de progresso, ou de evolução, em que o mundo da natureza é um segundo mundo, no qual nada é repetido. Um segundo mundo de progresso caracterizado pela constante aparecimento de coisas novas, supostamente portadoras de progresso ou evolução.

De certa forma, podemos afirmar que o afastamento progressivo entre homem e a Natureza consoma-se na cisão provocada pela modernidade. A paisagem veio substituir, para o homem moderno, o cosmos. A ideia de Natureza una e originária, ficará, a partir daí, envolta em penumbra. A paisagem, essa, será o campo de digladição entre ciência e arte, típica da Modernidade.

Enquanto fenómeno natural, a paisagem será objecto de exame científico pela cartografia, pela geografia física, pela topografia, pela meteorologia e por outras

e variadas ciências. Mas enquanto produção artística, a paisagem será, também, entendida como produtora de imagens, (o que, aliás, acontece a partir do Romantismo), de concepções plásticas e estilísticas.

Esta visão estética da paisagem e, cumulativamente, da Natureza, é igualmente recorrente na nossa contemporaneidade. Adriana Veríssimo Serrão, em artigo publicado na antologia “Filosofia da Paisagem, “ com o título “A paisagem como problema da filosofia”, (\*1) resume bem a actual prevalência do conceito de paisagem sobre o da Natureza. Uma paisagem “observada” e com dimensão estética, que é também filosófica.

Segundo Adriana Veríssimo Serrão, coube a Georg Simmel, no seu ensaio “Filosofia da Paisagem” (1913) caracterizar essa ideia de paisagem, descrevendo-a como categoria do pensamento. Essa paisagem não derivava de uma região em especial, mas de uma categoria abrangente da Natureza, espacial e temporal, e também decomponível, de acordo os procedimentos científicos. Um outro pensador- Joachim Ritter, também citado por AVS, reitera a filiação histórica e categorial da paisagem na Natureza, tomando-a como categoria estética que se oferece à contemplação do observador, o qual, por sua vez, se encontra já fora dela e, em alguns casos, contra ela.

Paisagem e cultura são nódulos de um conceito de Natureza que nos interessa, especialmente. Invertendo o paradigma da Arte como imitação da Natureza, instituído pelos pensadores clássicos gregos (e particularmente por Aristóteles), que dominou durante séculos a concepção de arte e da arquitectura; seria a arte que podia ensinar a ver a Natureza. Neste contexto interpretativo, nem todos os espaços naturais seriam paisagens, mas apenas aqueles que se recortam e recordam através das obras de arte, num processo que é amiúde individual e, de algum modo niilista.

Num espantoso texto de Luisa Bonesio, intitulado “Interpretar os Lugares” incluído no seu livro “Geofilosofia del Paesaggio” (Milão, Mimesis,2001), traduzido por Rosario Assunto em “ Filosofia da Paisagem. Uma antologia” (\*2) (já antes referida), admite-se uma visão profundamente niilista do homem contemporâneo relativamente à paisagem e à Natureza. “ Ao niilismo pertence o desprezo pela Natureza”, diz Luisa Bonesio, mas neste mundo contemporâneo esse niilismo manifesta-se também por uma espécie de enfado para com a Natureza- conceito considerado “ultrapassado” - ao qual se junta o entusiasmo pelo progresso digital e pela continuação de uma bem-intencionada crença, que em nome do melhoramento das condições de vida do homem, admite que se possa sacrificar a natureza e a paisagem. Mas niilista são também, diremos nós, o turismo na natureza, as teorias da saúde na natureza, alguns partidos ecologistas e outras actividades que proclamam as virtudes do “natural”.

Em arquitectura, esse niilismo transparece na emergência de um “status symbol” em que se refugia o arquitecto para impor, na maioria das vezes, as suas opções estéticas, usando a natureza como um campo de “fricção” de “ experiências” culturais”, e sociais, em última análise. Neste ultimo capítulo, a matriz de pensamento contemporâneo que associa a natureza com as ciências sociais e políticas, não difere muito daquilo que Engels advogava no final de século XIX: “numa palavra, o animal apenas utiliza a natureza exterior e provoca nela modificações apenas pela sua presença; por seu lado, o homem transforma-a para que ela sirva os seus fins; domina-a. E é nisto que consiste a última diferença entre os homens e os animais, tal diferença, deve-a o homem mais uma vez ao trabalho” (\*3)

Ora para Luisa Bonesio, a falta compreensão para o real problema da paisagem

e diremos nós, da Natureza, não pode ser interpretada apenas como uma mera questão de “gestão do território”, nem de “estética ambiental”, nem de “intervenção ecologista”, nem de estudo científico, mas sim como uma (nova?) interrogação “epocalmente adequada “ sobre o sentido do HABITAR. Ora, este enunciado sobre o habitar, está intimamente ligado à arquitectura, porque a própria definição de arquitectura está associada ao “pensar e construir espaços para o homem habitar” (\*4). Porém, esse habitar de que fala Bonesio tem de se libertar do restrito espaço da “arquitectura/objecto construído” para se estender ao espaço do “território”. Tem ainda de se libertar da sua artificialidade e ocasionalidade, da sua indiferença para os problemas do desordenamento territorial, do seu carácter postiço de “valor cultural” - que não é mais do que ignorância cultural, na maioria das vezes. Ou do calculismo dos agentes políticos que gerem a paisagem por indirectos personagens ....

Para compreender a questão, não se pode desligar a “paisagem” da natureza e da cultura, mas entendê-la como um todo que se manifesta em (novas?) formas do Habitar do homem sobre a terra. De certa forma é isso que Gonçalo Ribeiro Telles defende com a sua ideia de uma “paisagem global”.

Segundo ele, é necessário aproximar de novo os meios rural e urbano, restabelecendo um continuum naturale que ligue os dois. Nessa perspectiva, a “Grande Cidade” não deverá ser mais do que “um património inscrito no território” que, em verdade, corresponde a uma “fase edificada” da urbe – a qual deverá respeitar, valorizar e até recriar o espaço rural. Porque a paisagem rural é, para Ribeiro Telles um património e uma necessidade incontornável. Porque o homem depende dela para sobreviver, é um facto (diremos nós), mas também porque é nela que o homem encontra o seu equilíbrio psicossomático. Segundo ele, há que

promover uma paisagem GLOBAL que inclua a paisagem urbana e a rural (\*5)

De algum modo, poderá daí resultar uma paisagem com identidade crescente, que em muitos casos tem a sua origem na extrema fealdade dos descaracterizados territórios sub-urbanos, mas que poderão acabar em territórios devolvidos à agricultura ou em áreas florestais com potencial económico e de lazer público. E com potencial estético.

A “beleza “ que daí resulte talvez até recupere o ideal clássico de uma qualquer beleza que tenha como referencial a “natureza”- pelo menos é isso que parece transparecer nas estéticas das “eco-arquitecturas” ou das arquiteturas “sustentáveis” - mas na grande maioria dos casos, percebe-se que se trata afinal de uma beleza postiça. Ao contrário, a beleza que exprima a harmonia de um consciente (novo?) Habitar sobre a terra é, segundo Luisa Bonesio uma “(...) capacidade formativa que procede de uma consciencialização e de uma sapiência do conjunto mais amplo no qual se situa a dimensão humana “. (\*6) Estaremos então, pensamos nós, a falar de um dimensão estética que será (de novo?) pautada e reconhecível pela dimensão histórica e cultural dos diferente LUGARES. O que equivale a dizer que do mundo global avançaremos para uma “paisagem global” que é, afinal, geograficamente (e culturalmente) diversa.

Os lugares são a marca do nosso habitar sobre a terra-é um facto. Têm as marcas do passado e as marcas dos estímulos culturais do presente. São ambos importantes. E são também, segundo Luisa Bonesio “(...) palimpsestos, uma delicada e complexa estratificação de rastros, de sinais, de subversões (sublinhado meu), de remodelações e de destruições, humanas e naturais: nunca são aqueles territórios anódinos que imaginam os projectistas e especuladores”. (\*7) São entidades complexas, mas

singulares- tal como a natureza é e sempre foi complexa e singular.

No entanto, a percepção contemporânea da paisagem e da natureza é fundamentalmente estética, na perspectiva da procura de uma verdade-realidade singular que não renuncia ao seu valor universal. É essa percepção que legitima a Natureza no universo das artes e da arquitectura ao lado de outras disciplinas. Pela percepção estética, a natureza transforma-se em PAISAGEM CULTURAL na medida em que as suas especificidades naturais se possam constituir num quadro específico de possibilidades interpretativas e transformativas que tanto podem ocorrer em ambiente natural como em ambiente urbano

A paisagem é espaço e o arquitecto transforma o espaço em paisagem. Em certo sentido, podemos afirmar que a arquitectura contemporânea persegue a ideia de um espaço que é paisagem - cultural e estética. E POÉTICA porque detém significado. O que equivale a pensar que a arquitectura contemporânea pode elaborar um novo quadro cultural e estético, já para não dizer funcional e programático, que integre a ideia de Natureza ou do Mundo Natural, compondo, ao mesmo tempo, um novo referencial teórico exaltante e revolucionário. Aliás, a situação presente no que diz respeito à arquitectura, é já de si, contraditoriamente exaltante. De um lado, há uma sugestão de alinhar uma nova ligação entre arquitectura e o ambiente natural, numa atitude assumidamente ecológica, de protecção ambiental. Do outro lado, há um cepticismo crítico que duvida da eficácia e aplicabilidade dessa nova ligação e que, no final, se refugia na releitura das estéticas herdadas do Modernismo.

No entanto, o que poderá ser relevante, é que as temáticas ligadas ao Ambiente são transversais na arquitectura contemporânea deste século XXI e serão, com certeza, referências capazes de provocar saltos qualitativos no futuro da arquitectura.

**Notas:**

(\*1) “Filosofia da Paisagem. Uma antologia” (coordenação Adriana Veríssimo Serrão, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011.

(\*2) Idem

(\*3) in ENGELS, FRIEDRICH – “Dialéctica da Natureza”, editorial Presença, Lisboa, 1974, p. 182.

(\*4) in NEVES, VICTOR - “Espacio y poética en la arquitectura portuguesa contemporánea de los años 70 a 90”, editorial Académica Española, 2012.

(\*5) Telles, Gonçalo Ribeiro - “Paisagem global-Um conceito para o futuro” in “Filosofia da Paisagem. Uma antologia”, coordenação Adriana Veríssimo Serrão, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011, Pp. 475-485.

(\*6) Idem, p. 468.

(\*7) Ibidem, p. 472.

**Bibliografia consultada:**

COLLINGWOOD, R.G. - “A ideia da Natureza”, editorial Presença, Lisboa.

BROPHY, VIVIENNE; LEWIS, J. OWEN - “A Green Vitruvius-Principles and Practice of Sustainable Architectural”, edição Routledge, 2011.

ENGELS, FRIEDRICH - “Dialéctica da Natureza”, editorial Presença, Lisboa, 1974. Filosofia da Paisagem. Uma antologia, coordenação Adriana Veríssimo Serrão, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011.

LENOBLE, ROBERT, - «Histoire de l’idée de nature», editorial Albin Michel, Paris, 1969.

RODRIGUES, JACINTO, “Arte, Natureza e a Cidade”, editorial Arvan, Porto, 1993.